

# O cronotopo bakhtiniano na obra poética “Auto do Frade”

Samuel Alves Monteiro<sup>1</sup>

## RESUMO

Tempo e espaço são discussões que atravessam a humanidade. No espectro dos estudos literários, tempo e espaço são estudados pelo teórico russo Mikhail Bakhtin, por meio de conceitos como Exotopia e Cronotopo. Para os interesses deste estudo nos limitaremos ao Cronotopo como elemento que permite a materialização do tempo no espaço, como se o tempo se tornasse visível, possibilitando visualizar as metamorfoses dos personagens. Este artigo analisa poemas da obra *Auto do Frade* de João Cabral de Melo Neto, com o objetivo de identificar os cronotopos presentes. O desenvolvimento da poética de João Cabral de Melo Neto, em *Auto do Frade* possui uma profunda associação com o conceito de Cronotopo em Bakhtin, o espaço e tempo são determinantes para compreender o martírio do religioso e político pernambucano Frei Caneca, principal líder da Revolução Pernambucana de 1817.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo; Espaço; João Cabral de Melo Neto; Frei Caneca

## ABSTRACT

Time and space are discussions that cross humanity. In the spectrum of literary studies, time and space are studied by the Russian theorist Mikhail Bakhtin, through the concepts as Exotopia and Cronotopo. For the interests of this study we will limit ourselves to the

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras no Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – campus Pau dos Ferros. E-mail: [samuelmonteiro.al@gmail.com](mailto:samuelmonteiro.al@gmail.com)

Cronotopo as an element that allows the materialization of time in space, as if time became visible, allowing us to visualize the metamorphoses of the characters. This article analyzes poems of the work *The Auto of the Frade* of João Cabral de Melo Neto, with the objective to identify the cronotopos present. The development of the poetics of João Cabral de Melo Neto in *The Auto of the Frade* has a deep association with the concept of Cronotopo in Bakhtin, space and time are determinant to understand the martyrdom of the religious and political Pernambuco Frei Caneca, leading leader of the Pernambuco Revolution of 1817

**KEYWORDS:** Time; Space; João Cabral de Melo Neto; Frei Caneca

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre tempo e espaço acompanha a humanidade desde os primórdios do pensamento filosófico grego, representado por pensadores como Platão e Aristóteles, tornando-se posteriormente questões relevantes para as ciências da natureza, em especial para a Astronomia e a Física. É em 1905, com a teoria da relatividade de Albert Einstein, que essa dualidade conceitual é aprofundada, promovendo uma significativa mudança na compreensão científica e social do tempo e do espaço.

De acordo com Hawking e Mlodinow (2005, p. 42) “a teoria da relatividade nos força a mudar fundamentalmente nossas ideias de espaço e tempo. Precisamos aceitar que o tempo não está inteiramente separado e independente do espaço », é importante compreender que estes elementos estão combinados e formam um único objeto chamado espaço-tempo e esses não são estáticos. A compreensão einsteiniana de tempo e espaço não era suficiente para explicar uma outra dimensão, até então não explorada, a dimensão literária.

Entre os anos de 1937 e 1938, tempo e espaço foram trazidos para o campo dos estudos literários por Mikhail Bakhtin, no texto *Formas de tempo e de Cronotopo no Romance – ensaios da poética histórica*. Nesse texto, Bakhtin toma-o emprestado da teoria da relatividade de Einstein para, no espectro do texto literário, “metaforizar” esse conceito.

A relação indissociável entre o tempo e o espaço é evocada por Bakhtin nos estudos literários, sob os conceitos de Exotopia e Cronotopo. O primeiro refere-se à atividade criadora em geral, relacionada ao espaço que o autor tem do seu objeto de estudo, uma espécie de olhar exterior necessário para

vê-lo com profundidade. Já o segundo conceito especializa-se em tratar com maior equilíbrio, entre as dimensões de espaço e tempo, o texto literário (AMORIM, 2012).

Os textos literários expressam essa relação espaço-tempo de forma proeminente ; a construção desses textos revela a influência das representações de mundo da época em que foram produzidos, e são os cronotopos essa relação entre o mundo real e o mundo representado, criado pelos autores como forma de moldar o mundo. Os cronotopos em literatura são uma categoria de forma e de conteúdo que realizam a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto (AMORIM, 2012).

No campo literário, o poema é um gênero que expressa o espaço e o tempo de maneira relevante. Para Freitas (2016, p. 51), o eu lírico no poema “mantém relação com o mundo e com os objetos e, a partir dela, cria espaços, não apenas os ocupa. O espaço – as cidades, vilas, ambientes naturais, etc. – quando amplificado além de sua materialidade, abre possibilidades de descobertas”, o espaço no poema é materializado por sua relação com os objetos que constroem a tessitura poética. Ainda, o tempo na poesia é resultado da relação do eu lírico com o espaço, onde ele constrói o presente, o passado e o futuro, que se materializam no desenvolvimento do poema, como uma espécie de controle pelo acaso, um tempo abstrato que também corresponde a um espaço abstrato que é mensurado pela proximidade e distância.

Transportando o Cronotopo para o poema, busca-se identificar e analisar com esse estudo a presença de cronotopos na obra *Auto do Frade* autoria do poeta engenheiro João Cabral de Melo Neto. Originalmente publicado em 1984, a obra trata sobre o dia da morte de Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca, religioso e político pernambucano, principal líder da Revolução Pernambucana de 1817. Nesta obra também se mobiliza o gênero literário « auto », que faz parte do gênero dramático.

Para o desenvolvimento deste estudo, os procedimentos metodológicos instituídos foram concebidos em uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo documental, valendo-se da interpretação, com base na teoria bakhtiniana, para análise efetiva dos cronotopos presentes no *corpus*. Desse *corpus*, foram selecionados alguns excertos do poema dramático que melhor detalham a relação espaço-tempo sob o viés do Cronotopo bakhtiniano. A seleção se deu pela identificação de elementos textuais que apresentaram indícios de cronotopo.

Compreender o espaço e o tempo nos estudos de Bakhtin é condição *sine qua non* para satisfazer o objetivo deste estudo. Cronotopo em Bakhtin, assim

como outros conceitos do teórico russo, não possuem uma teoria fundamentada, que apresenta larga explicação. Todavia, cabe-nos rememorar esses construtos teóricos espalhados por toda a obra bakhtiniana, para tratar da dualidade espaço-tempo no campo da literatura.

## **1 O TEMPO E O ESPAÇO EM BAKHTIN**

Em primeira análise, o tempo e o espaço na concepção de Bakhtin são dois conceitos insubstituíveis criados pelo autor para tratar dessa relação no campo do texto literário, como também da atividade criadora em geral, como a atividade estética e da pesquisa em ciências humanas. Para tanto, o pensamento bakhtiniano estabelece dois modos possíveis de pensar essa relação, nomeada de Exotopia e Cronotopo.

Exotopia é um conceito que aparece nos escritos de Bakhtin nos textos: “Para uma filosofia do ato” e “O autor e o herói”, ideia concebida a partir de 1919, tomando forma entre 1922 e 1924 (AMORIM, 2012, p. 96). Esse termo se situa no âmbito da criação estética e de pesquisa como um estabelecimento de uma posição pelo pesquisador/artista para análise de um objeto específico.

No texto literário, sob a visão do enunciado, Exotopia significa situar-se em um lugar exterior e realizar um movimento duplo de diferença e tensão entre dois olhares — o do pesquisador e o do objeto/pesquisado — pelo qual o primeiro busca captar, a partir de uma visão inicial, os sentidos que o segundo, o objeto pesquisado, transmite. É um conceito relacionado ao espaço, à posição do pesquisador que permite dar acabamento ao seu objeto pesquisado, permite conhecer e visualizar sentidos que o objeto/pesquisado não teria consciência sem essa relação.

O Cronotopo constitui-se enquanto um conceito que compreende o equilíbrio entre espaço-tempo. A definição de Bakhtin contribuirá para um entendimento melhor do tema, quando afirma que:

Nós daremos o nome de cronotopo (literalmente, "espaço-tempo") para a ligação intrínseca das relações temporais e espaciais que são artisticamente expressas na literatura. Este termo (tempo-espaço) é empregado em matemática, e foi introduzido como parte da Teoria da Relatividade de Einstein. O significado especial que ela tem na teoria da relatividade não é importante para nossos propósitos, estamos tomando o emprestado para a crítica literária

quase como uma metáfora (quase, mas não totalmente). O que conta para nós é o fato de que ele expressa a inseparabilidade do espaço e do tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço), (BAKHTIN, 1998, p. 58).

No escopo do pensamento de Bakhtin, essa inseparabilidade do espaço e do tempo deve privilegiar principalmente o tempo, em razão que, para o autor, o tempo é o principal condutor dessa relação, por consequência, o espaço é relegado a uma condição de segundo plano nesta relação dual (BAKHTIN, 2011, p. 318). Essa valorização do tempo em detrimento do espaço é explicada pelo teórico russo no excerto abaixo:

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2011, p. 211).

O Cronotopo de Bakhtin expõe o tempo como elemento condutor do enredo e da história. Para Fiorin (2011, p. 53) o cronotopo determina a imagem do homem na literatura. Os cronotopos podem diferenciar autores, distinguir gêneros ou subgêneros, como os diferentes tipos de romance.

Essa associação de Cronotopo com os gêneros literários, os quais Bakhtin considera serem determinados pelos cronotopos. Segundo Holquist e Clark (2004, p. 293 *apud* BORGES FILHO, 2011, p. 56):

O gênero para Bakhtin é como um raio x de uma visão de mundo específica, uma cristalização dos conceitos peculiares a um dado tempo e a um dado estrato social em uma sociedade determinada. Um gênero, por conseguinte, encarna uma ideia historicamente específica do que significa ser humano.

Os cronotopos são, em relação ao gênero literário, uma ligação entre o mundo real e o mundo representado em um período determinado, que significa o indivíduo e o transforma. É uma espécie de metamorfose por que

a personagem passa, uma alteração de identidade que é possibilitada em meio a relação com o espaço e o tempo.

Por fim, o conceito de Cronotopo foi elaborado no contexto do gênero literário Romance, que Bakhtin classificou em três cronotopos diferentes, são eles: romance de aventuras e provocações, romance de aventura e de costumes, romance biográfico (FIORIN, 2011, p. 53). Esses cronotopos determinam o gênero literário quando o fazem relacionados à realidade, distintas épocas e espaços se refletem em obras artísticas ou literárias, uma espécie de idiosincrasia específica de cada autor, o que permitiu classificar as obras por cronotopos.

Ao representar o homem vivendo situações, o cronotopo torna-se o centro organizador dos principais acontecimentos temáticos do romance. Dessa forma que o enredo se constrói. As ações nunca são imagens vazias, mas encarnam a dimensão do tempo e do lugar em que acontecem (BAKHTIN, 1998, p. 355 *apud* BORGES FILHO, 2011). São as imagens transmitidas pela poética de João Cabral de Melo Neto em *Auto do Frade*, e constituídas em cronotopos na visão bakhtiniana que interessam a este estudo.

## 2 OS CRONOTOPOS PRESENTES EM AUTO DO FRADE

A obra *Auto do Frade* foi originalmente publicada no ano de 1984, pelo escritor João Cabral de Melo Neto. Conta a história de vida do religioso e líder da Revolução Pernambucana de 1817, o constitucionalista, Joaquim do Amor Divino Rabelo, o Frei Caneca, que buscava a formação da república na época do Brasil colônia no século XVIII e que foi levado à execução e morte por fuzilamento em consequência de sua atuação política de viés separatista.

João Cabral divide seu poema em sete partes, que são elas: Na cela, Na porta da cadeia, Da cadeia à Igreja do Terço, No Adro do Terço, Da Igreja do Terço ao Forte, Na Praça do Forte e No Pátio do Carmo. Poema para vozes, assim João Cabral de Melo Neto denomina seu texto, tendo em vista que, aparecem inúmeras vozes da sociedade em geral que vai desde as autoridades jurídicas, eclesiásticas, políticas, militares e o povo representado pelas ruas de Recife (GARCIA, 2012, p. 31).

Os versos cabralinos expressam uma estética muito específica em relação ao espaço-tempo. O poeta converge para o entrecruzamento de espaço-tempo visível com o nomear dos títulos de sua poesia, localizando o enredo em um espaço definido e adiantando uma possível compreensão do que poderia acontecer. Em Bakhtin (1998) a noção de Cronotopo como a ligação intrínseca das relações temporais e espaciais revela, nos poemas, características unívocas ligadas a morte, em todas as suas instâncias: corporal, social, política e religiosa.

Seguindo o trajeto do estudo, apresentam-se as principais características dos poemas de João Cabral de Melo Neto que revelam a relação inseparável entre espaço-tempo. O poema de abertura da obra cabralina denomina-se “Na Cela”. Abaixo reproduzimos o texto destacando graficamente em itálico os elementos que subsidiam a ideia de cronotopo e na sequência a análise:

### **NA CELA**

#### **O PROVINCIAL E O CARCEREIRO:**

— *Dorme.*

— Dorme como se não fosse com ele.

— Dorme como uma criança dorme.

— Dorme como em *pouco*, morto, vai dormir.

— Ignora todo esse *circo* lá embaixo.

— Não é circo. É a lei que monta o espetáculo.

— Dorme. No mais fundo do *poço* onde se dorme.

— Já terá tempo de dormir: a morte inteira.

— Não se dorme na morte. Não é sono.

— Não é sono. E não *terá*, como agora, quem o acorde.

— Que durma ainda. Não tem *hora marcada* (MELO NETO, 1994, p. 8, grifo nosso).

Esse poema prólogo ratifica a concepção de Cronotopo como pensada por Bakhtin, a partir do título “Na Cela” já posiciona a personagem – Frei Caneca – em um local de confronto entre o real e o ilusório. Seguindo, o autor utilizará o termo “Dorme” como metáfora para a morte, narrando o fato de que, ao dormir, o Frei Caneca não se preocupava com o que o esperava. Esse termo expressa o tempo futuro de um “vir a acontecer” da morte esperada da personagem, da sua talvez falsa ilusão quanto ao que poderia ocorrer. O termo “Circo” anuncia outro aspecto do espaço na história, como uma espécie de espetáculo armado fora da prisão, onde estava montada uma força à espera do Frei Caneca. Os termos “Terá” e “Hora

marcada” remetem ao tempo cronológico instável, cuja referência está na espera e certeza dos Outros pela morte.

### **DA CADEIA À IGREJA DO TERÇO A GENTE NAS CALÇADAS:**

- Não se parece a este o cortejo  
de alguém *a caminho* da forca.
- Parece mais bem procissão,  
Governador que vem de fora.
- Que *gente que veio na frente*,  
bandeira, padres, gente de opa?
- São os irmãos da Santa Casa,  
que se diz da Misericórdia.
- Quem são *os que passam depois*  
de roupas sinistras mas várias?
- São os escrivães, mais os meirinhos:  
não abrem mão de suas toucas.
- Outros conheço de uniforme,  
são da milícia e são da tropa.
- Para que trazer tanta força  
contra um frade doente e sem forças? (MELO NETO,  
1994, p. 15, grifo nosso).

No trecho reproduzido acima, o ‘tempo’ em *Auto do Frade*, demonstra a condução da história, determinando a imagem da personagem com as mudanças que ocorrem na narrativa poética, diferente do primeiro fragmento analisado onde podemos identificar o cronotopo da expectativa pela morte. No trecho acima do poema “Da cadeia à igreja do terço”, subintitulado de “A gente nas calçadas”, representam-se o espaço e o elemento *poema das vozes* que o próprio autor denominou para seu texto. Frei Caneca desfila nas ruas da cidade de Recife rodeado de um povo interessado e surpreendido com o fim do frade.

Melo Neto (1994) entrecruza novamente o espaço-tempo quando faz uso dos termos “a caminho”, “gente que veio na frente” e “os que passam depois”. Esses termos convergem para envolver na história outra personagem, como a forca na qual o Frei Caneca estava condenado à morte. As expressões *frente* e *depois* exprimem, na cena poética, o tempo e espaço do trajeto a caminho da forca, em que se posicionaram outros personagens de relevância para o enredo, como “bandeiras, padres” e os que passam depois,

os algozes de Frei Caneca representados pelos escrivães, meirinhos (oficial de justiça), milicianos e integrantes da tropa militar.

Por fim, o último poema da obra cabralina que selecionamos chama-se “Pátio do Carmo”. Seguem os trechos que retratam e estabelecem a estética do cronotopo ‘morte’ na obra “Auto do Frade”.

### **NO PÁTIO DO CARMO**

#### **Um grupo no pátio:**

- Fora de Portas, no santuário,  
rezou todo o dia o Caneca.
- Acendeu a todos os santos,  
de todos renovou as velas.
- A vizinhança o acompanhava  
na casa que virou capela.

#### **Mesmo grupo no pátio:**

- Nem se lembrou da oficina
- de tanoeiro, ao lado dela.
- A vista de nada serviu,  
lado do sul, nenhum navio.
- Mas o ouvido, lado do Forte,  
acusou o estalo de tiros.
- Não entendeu logo o que era:  
é surda a força e seus ruídos.
- Enfim entendeu: fora a bala  
que dera cabo de seu filho (MELO NETO, 1994, p.58,  
grifo nosso).

Os fragmentos expostos acima legitimam a concepção bakhtiniana de Cronotopo como relação inseparável de espaço-tempo. A poesia de João Cabral de Melo Neto expandiu o tempo por meio da morte como expressão do fim de uma personagem cuja história representava as vozes de um povo cansado de ser subserviente aos desejos da Corte Portuguesa e buscava libertar-se dessa exploração, por meio da conquista da independência do Brasil em relação a Portugal.

O cronotopo, com a temática da morte como analisado, demonstra as diversas associações que o autor faz para tratar desse tema. Descreve dramaticamente um real acontecimento na história brasileira e atravessa esse

acontecimento com movimentos ilusórios de um tempo não cronológico, um tempo fluido que coloca em suspenso uma espécie de medo e simultaneamente uma resistência ao fim, demonstrado pela personagem Frei Caneca, o tempo conduz a história determinando o homem na literatura (FIORIN, 2011).

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O espaço-tempo em *Auto do Frade* é entrecruzado pela temática da morte e materializada na expressão artística de João Cabral de Melo Neto, onde o espaço reflete os marcos do tempo à época do Brasil colônia, envolto de sentimentos de sofrimento e de revolta, relacionados a um ufanismo nacionalista de Frei Caneca, que se fizeram presentes nos poemas.

O lugar-tempo-pessoa é a “fórmula” do cronotopo morte, identificado na obra *Auto do Frade*. O lugar representado pelos espaços que delimitam e conduzem a poética cabralina são demonstrados nos versos que, por sua vez, relacionam-se com o tempo e com a (as) pessoa (as), legitimando a fala bakhtiniana de que o tempo condensa-se, comprime-se, tornando-se artisticamente visível, e o espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história.

Buscou-se tratar neste estudo do conceito de cronotopo e sua associação com uma obra poética que tem na história um enredo dramático do Frei Caneca. Por fim, cabe considerar que o desenrolar da poética de João Cabral de Melo Neto, em *Auto do Frade*, possui uma profunda associação com o conceito de Cronotopo em Bakhtin, o espaço e tempo são determinantes para compreender o martírio do líder pela república, Frei Caneca.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. P. C. O cronotopo da sala de aula e os gêneros discursivos. **Signótica**, Goiânia, v. 24, n. 2, p. 305-322, jul./dez. 2012.

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 95-114.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: Unesp, 1998.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORGES FILHO, O. Bakhtin e o Cronotopo: uma análise crítica. **InterteXto**, Uberaba, UFTM, v.4, n.2, p.50-67. jul./dez., 2011.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FREITAS, O. B. Lirismo, espaço e tempo na poesia de Fernando Pinto do Amaral e Milton Torres: fronteiras indissociadas. **Estação Literária**, v. 15, p. 61-75, 2016.

GARCIA, M. C. Análise do poema Auto do Frade de João Cabral de Melo Neto. **Recanto das Letras**, [s.n.], [s.l.], 2012. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/3916110>. Acesso em: 03 maio 2019.

HAWKING, S.; MLODINOW, L. **Uma nova história do tempo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HOLQUIST, M; CLARK, K. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MELO NETO, J. C. de. **Auto do Frade**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 1994.